

*Escola Nova, Tecnicismo e Educação compensatória*, Guiomar Namó de Melo (org.), Edições Loyola, São Paulo, 1984, 64 p.

Os cursos de pós-graduação, que cresceram tanto nos últimos anos no Brasil, podem estar em crise, mas eles continuam responsáveis pela existência de grande parte da produção de análises críticas. A bibliografia sobre educação no Brasil (infelizmente não há quase teses teóricas ou sobre educação em outros países) é, certamente, uma das mais ricas do mundo. Esta grande produção, consumida avidamente por seu público afastado, de maneira sistemática, das questões educacionais durante os últimos 20 anos, é constituída, em sua maioria absoluta, por teses de mestrado e doutorado (prin-

cipalmente as primeiras).

Este pequeno livro pertence também a este tipo de produção intelectual: trata-se de vários assuntos abordados por diferentes professores cursando o doutorado em educação na PUC de São Paulo. Se a publicação tal qual de uma tese pode causar problemas de leitura ao leitor não habituado ao jargão acadêmico, neste caso o que se ressentir é uma certa "falta de acabamento" (com suas vantagens e desvantagens) de um trabalho de curso, para o qual não se dispôs do tempo suficiente para uma reflexão mais aprofundada.

O livro é organizado pela atual secre-

tária de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo, Guiomar Namó de Melo que ressalta, no prefácio, o caráter crítico dos ensaios. Para ela, que não acredita existirem “condições materiais para que se conceba um sistema pedagógico das camadas populares enquanto elas não se apropriarem de fato do sistema escolar” (p. 16) a única pedagogia das camadas populares é uma crítica das pedagogias que se propõem solucionar os problemas escolares das camadas populares.

Esta ênfase na crítica (em geral, na ideologia), tão característica dos textos sobre educação no Brasil nos últimos anos, é o que encontramos em todos os ensaios, a começar por “O escolanovismo: revisão crítica”, de Eliane Marta Teixeira Lopes. O tema, interessantíssimo, mereceria uma análise mais detida: a autora nos dá uma visão geral do fenômeno (com referências à situação na França e na Inglaterra) e faz muitas observações agudas sobre o escolanovismo no Brasil e chegamos a lamentar que o texto não seja mais longo.

“A Pedagogia tecnicista” de Acácia Zeneida Kuenzer e Lucília é mais extenso e mais denso e retrata o itinerário do surgimento da tecnologia educacional, terminando por discutir a possível validade

da “utilização da abordagem sistêmica para a educação popular”. As autoras, no final do ensaio, defendem veementemente “um esforço coletivo”, para a solução dos problemas concretos, negando que o esforço isolado de alguns intelectuais possa contribuir para a melhoria da situação daquela “grande parcela da população excluída dos benefícios da educação”.

O último ensaio, “Educação compensatória ou compensação educativa”, se dedica a desvendar os verdadeiros motivos que norteiam os chamados programas de educação compensatória. As autoras, Leda Scheibe, Lúcio Kreutz e Olinda Maria Noronha, analisam a degradação do ensino dado aos filhos dos trabalhadores na escola pública e defendem para eles uma escola de nível, ressaltando que “permitir ao filho do trabalhador o domínio da linguagem escrita é dar-lhe a possibilidade de aceder à teoria”.

Este pequeno, mas instigante livro, toca em problemas centrais da educação no Brasil de hoje e seus ensaios, pelo próprio caráter “incompleto” de que se revestem, servem de poderoso estímulo para todos aqueles interessados em conhecer nossa realidade educacional e propor alternativas concretas visando sua maior democratização.